

Jahn und Jahn
Rua de São Bernardo 15
1200-823 Lisboa

7.2. – 14.3.2026
Rua de São Bernardo 15

António Júlio Duarte
Carlos Noronha Feio
Catarina Dias
Jorge Queiroz
Julius Heinemann
Navid Nuur
Raphaela Melsohn
Sara Bichão

Notas de Rodapé

Curadoria de Luiza Teixeira de Freitas

Inauguração: 6 de Fevereiro, 18 – 21 h

Visita guiada pela curadora: 7 de Fevereiro, 12 h

“As ideias relacionam-se com os objetos como as constelações com as estrelas.”

Walter Benjamin

“Notas de Rodapé” é uma exposição coletiva que se constrói a partir do que habitualmente permanece na margem: fragmentos, desvios, interrupções e formas de pensamento que resistem a uma organização linear do sentido. Tal como numa página anotada, onde o significado se expande para além do texto principal e se infiltra nos comentários laterais, nos acréscimos e nas notas aparentemente secundárias, esta exposição propõe um espaço de leitura descontínua, aberto e relacional.

Reunindo obras de António Júlio Duarte, Carlos Noronha Feio, Catarina Dias, Jorge Queiroz, Julius Heinemann, Navid Nuur, Raphaela Melsohn e Sara Bichão, a exposição articula práticas artísticas diversas que partilham uma atenção comum ao intervalo, à suspensão e à instabilidade das imagens e das narrativas. São trabalhos que recusam a transparência imediata e que se constroem muitas vezes a partir de gestos incompletos, processos fragmentários ou estruturas abertas, convocando o espectador para uma experiência de aproximação lenta e não hierárquica.

O espaço expositivo é pensado como um campo de relações, onde as obras não se organizam segundo um percurso fechado ou um centro dominante, mas antes como um conjunto de pontos que se ativam mutuamente. Pintura, desenho, fotografia, escultura e instalação, coexistem como notas dispersas que se iluminam umas às outras, produzindo sentidos provisórios, afinidades subtils e zonas de tensão. O visitante é convidado a mover-se como quem percorre um caderno de apontamentos: saltando entre fragmentos, regressando a imagens, aceitando o desvio como método e a dúvida como condição do olhar.

A noção de rodapé atravessa a exposição não apenas como metáfora, mas como posição crítica. Aquilo que tradicionalmente ocupa um lugar secundário, o detalhe, o resíduo, o comentário, o que escapa ao discurso principal, torna-se aqui central. As obras operam nesse território instável, onde a forma se mantém em aberto e o significado não se fixa, privilegiando a evocação em vez da explicação, a sugestão em vez da afirmação.

A citação de Walter Benjamin funciona como eixo conceptual da exposição ao propor um pensamento que se organiza por constelações, isto é, por relações entre elementos dispersos que só ganham sentido no encontro e na distância entre si. Em “Notas de Rodapé”, o sentido emerge precisamente desse gesto relacional: das aproximações entre práticas distintas, dos ecos formais e conceptuais entre obras, dos vazios e das margens onde o imaginário encontra espaço para se expandir.

Tal como as constelações, esta exposição não oferece um mapa definitivo nem uma leitura única. Propõe antes um campo de possibilidades, um convite a olhar, relacionar e imaginar a partir daquilo que normalmente permanece fora do centro, mas que é essencial para compreender a complexidade do todo.

Luiza Teixeira de Freitas

Biografias

António Júlio Duarte (Lisboa, 1965), expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro desde 1990. Uma seleção das suas mais recentes exposições individuais inclui “Rumble Fish” na Appleton Square, Lisboa, 2024; “Febre” no Museu de Serralves, Porto, 2023; “Guiné-Bissau 1990” na Galeria Bruno Múrias, Lisboa, 2023; “Eclipse” na Galeria Bruno Múrias, Lisboa, 2020; “White Noise” no Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes, 2017; “América” na Galeria Pedro Alfacinha, Lisboa, 2017; “Suspension of Disbelief” no Centro de Artes Visuais, Coimbra, 2016; “Mercúrio” na Galeria Zé dos Bois, Lisboa, 2015 e “Japão 1997” no Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 2013.

Publicou vários livros de fotografia, entre os quais se destacam “Guiné-Bissau 1990” (2023), “Against the Day” (2019), “Ensaio” (2018), “Japan Drug” (2014) e “White Noise” (2011), publicados por Pierre Von Kleist Editions; “Ph. António Júlio Duarte” publicado por Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 2022; “W” (2021) publicado por Antumbra Publishing House; “Deviation of the Sun” (2013) publicado por Centro Cultural Vila Flor e “The Candidate” publicado por GHOST Editions em 2012.

Carlos Noronha Feio (Lisboa, 1981) vive e trabalha em Oeiras. Através do seu trabalho multidisciplinar, Carlos Noronha Feio analisa temas como a identidade, nacionalismo e cultura local e global. A sua prática procura questionar conceitos pré-concebidos de pertença ao assimilar referências históricas, geográficas e políticas, justapondo-as de forma a engendrar as suas próprias composições. Noronha Feio obteve um Doutoramento do Royal College of Art, Londres. Exposições individuais seleccionadas: An Other World is Possible, Coventry Biennial of Political, Critical, Social Art, Coventry (2025); Milk and Honey, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2024); Arkipélég, curadoria de Irlando Ferreira, CNAD - National Centre for the Arts, Crafts and Design, Cabo Verde (2023); (sunsight!)/(sunclipse!), instalação de exterior, com curadoria de Susanne Prinz e apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Kunstverein am Rosa-Luxemburg-Platz, Berlim (2022); no fim de tudo está o começo, a negociação!, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa

(2021); o peculiar é um detalhe no todo comum, Q22, Colégio das Artes, Coimbra (2021); Zero/Zero, (com Délio Jasse) Galeria Municipal de Almada, Lisboa (2019); (sunsight!)/(sunclipse!), 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2019); even if at heart we are uncertain of the will to connect, there is a common future ahead, Narrative projects, Londres (2018); A Matter of Trust, Garage Museum of Contemporary Art, Moscovo (2017); banhados pela luz brilhante do pôr do sol, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2015); e Oikonomia: A Matter of Trust, MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisbon (2015). Exposições coletivas incluem: Antropoceno: Em busca de um novo humano?, com Curadoria de Adelaide Ginga, MACAM, Lisboa (2025); X Bienal de São Tomé e Príncipe, curadoria de Ricardo Barbosa Vicente e João Carlos Silva, São Tomé e Príncipe (2024); Liberdade, Portugal um lugar de encontro, curadoria de João Pinharanda, UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, Lisboa (2024); A Revolução na Noite, curadoria de Ana Anacleto, Centro de Arte Oliva, S. João da Madeira (2023); Armando Martins Art Collection /MACAM, Mace 15 Anos, Elvas, Portugal (2022); José Carlos Santana Pinto Art Collection, Mace 15 Anos, Elvas, Portugal (2022); Pintura: Campo de Observação Parte II, curadoria de João Pinharanda, Cristina Guerra Contemporary Art, Lisboa (2021); de Dentro e Fora – Colectiva de artistas de Cabo Verde, curadoria de Ricardo Barbosa Vicente, Centro Cultural de Cabo Verde e União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, Lisboa (2021); Dissonâncias, MNAC, Lisboa (2020); Sonho Europeu: Obras da Coleção Norlinda e José Lima, Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco (2019); The fabric of felicity, Garage Museum of Contemporary Art, Moscovo (2018); Variations Portugaises, Centre d'Art Contemporain de Meymac (2018); Futures, CAC Vilnius (2017); You Are Now Entering_____, CCA Londonderry/Derry (2012); e Image Wars, Abrons Art Centre, Nova Iorque (2011). Entre 2009 e 2014, Noronha Feio foi director do The Mews Project Space em Londres. As suas obras foram incluídas na publicação “The Art of Not Making: The New Artist/Artisan Relationship”, bem como “Nature Morte: Contemporary Artists Reinvigorate the Still Life Tradition”, publicados por Thames & Hudson. Coleções incluem: Coleção Armando Martins/MACAM, Portugal; MAAT – Fundação de Arte EDP, Portugal; Coleção Norlinda e José Lima, Portugal; Coleção José Carlos Santana Pinto, Portugal; Coleção Gaspar/Marin, Portugal; Saatchi Collection, Reino Unido; Fundação PLMJ, Portugal; MNAC – Museu do Chiado, Portugal; MAR – Museu de Arte do Rio, Brasil; Coleção Vasco Santos, Portugal; entre outras coleções públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Catarina Dias (Londres, 1979), vive e trabalha em Lisboa. 2001 – 2002 Curso Avançado em Artes Visuais, Ar.Co, Lisboa; 2002 – 2003 Mestrado em Belas-Artes, Byam Shaw School of Art, University of The Arts, Londres; 2002 Nomeação para o Prémio Revelação CELPA/Vieira da Silva; 2011 Nomeação para o Prémio Novos Artistas da Fundação EDP. As suas obras fazem parte da coleção da Fundação EDP – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa; Coleção António Cachola – Museu de Arte Contemporânea de Elvas (MACE), Elvas; Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português (CACE); Coleção de Arte Contemporânea da Câmara Municipal de Lisboa (Coleção CML, Museu de Lisboa/EGEAC), Lisboa; Coleção Norlinda e José Lima de Arte Moderna e Contemporânea – Centro de Arte Oliva, São João da Madeira; Coleção Fundação Ilídio Pinho, Porto; etc. Exposições individuais (seleção): 2025 Ghost Currency, Jahn und Jahn, Munique; 2025 For Every Last Thing, Rialto6, Lisboa; 2024 Through Wet Air, Pavilhão Branco, Galerias Municipais de Lisboa, Lisboa; 2024 INVERTED ON US, MAAT, Lisboa; 2023 WE KNOW YOU DON'T SEE US, Jahn und Jahn, Lisboa; 2019 Mamute Galeria Vera Cortês, Lisboa; 2016 a cor de um eclipse (com Pedro H. Paixão), Ar Sólido, Lisboa; 2016 This is Heat, Old School #42, Lisboa; 2015 Digging for fire in a long multilayered stream, Vera Cortês Art Agency (Parte I) & Appleton Square (Parte II), Lisboa; 2010 clone MYD, Espaço Avenida, Lisboa; 2010 MYSTIC DIVER, Black Pavilion, Lisboa; etc.

As suas obras foram expostas em exposições coletivas nos seguintes museus e instituições: 2025 MAC/CCB – Museu de Arte Contemporânea, Lisboa; 2025 Centro de Arte Contemporânea de Coimbra; 2024 Quetzal Art Center, Quinta do Quetzal, Vidigueira, PT; 2023 Coleção António Cachola, Elvas, PT; 2021 New Space, Lisboa; 2019 Uppercut, Lisboa; 2018 MACE, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, PT; 2016 e 2017 Galeria Municipal do Porto; 2016 Ar Sólido, Lisboa; 2014 Módulo, Lisboa; 2013 Parkour, Lisboa; 2009 Fundação EDP, Museu da Electricidade, Lisboa; etc.

Jorge Queiroz (Lisboa, 1966), vive e trabalha em Lisboa, Portugal. Educação: 1999 Mestrado em Belas Artes pela School of Visual Arts, Nova Iorque, EUA; 1991-1993 Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visuais, Lisboa. Residências: 2004 Künstlerhaus Bethanien, Berlim; 2007 Récollets International, Paris; 2011 Fundação Civitella Ranieri, Civitella Ranieri Umbertide, IT Prémios: 2009 Shortlist do Prix de dessin contemporain, Fundação Daniel e Florence Guerlain; 2015 Prémio AICA de Belas Artes (Prémio AICA/MC/Millennium bcp para Artes Visuais e Arquitetura); 2022 Grande Prémio, Prémio Sovereign Portuguese Art, The Sovereign Art Foundation (SAF). Queiroz participou na 50.ª Bienal de Veneza em 2003, na 26.ª Bienal de Arte de São Paulo em 2004 e na 4.ª Bienal de Arte Contemporânea de Berlim em 2006. As suas obras integram inúmeras coleções públicas e museus internacionais, incluindo o MoMA – Museu de Arte Moderna, Nova Iorque; SFMOMA – Museu de Arte Moderna de São Francisco; Centre Pompidou, Paris; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Coleção Deutsche Bank, Frankfurt a.M.; Coleção La Banque Postale, Paris; Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português, Lisboa; FNAC – Fonds National d'Art Contemporain, Paris; Carré d'Art Musée d'Art Contemporain, Nîmes; Coleção Cottrell-Lovett, Nova Iorque; Coleção Fundação Serralves, Porto; CaixaForum, Madrid.

Exposições individuais (seleção): 2025 Intruso no Labirinto - Centro de Artes Visuais, Coimbra; Il Giorno più Lungo - Galeria Rolando Anselmi, Roma; 2024 Três Moscas, 2012 – 2024, MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa (com André Marinha, Francisco Tropa e Pedro Morais), com curadoria de Sérgio Mah; 2023 Shape of the echo and other works, Galerie Nathalie Obadia, Bruxelas; In between flatlands, Jahn und Jahn, Munique; Alka-Seltzer, Rialto6, Lisboa; 2022 Museu Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, Lisboa (com Arshile Gorky); 2021 Galeria Bruno Múrias, Lisboa; 2021, 2015, 2010, 2007 e 2004 Galerie Nathalie Obadia, Paris; 2020 e 2007 Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto; 2019 Pinksummer Contemporary Art, Génova; 2018 Sismógrafo, Porto; 2017 e 2011 Galerie Nathalie Obadia, Bruxelas; 2017 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa; 2015 Pavilhão Branco, Museu da Cidade, Lisboa; 2014 e 2010 Sikkema Jenkins & Co., Nova Iorque; 2012 Fundação Carmona e Costa, Lisboa; 2010 Galería Helga de Alvear, Madrid; 2008 e 2006 Thomas Dane Gallery, Londres; 2006 Horst-Janssen-Museum, Oldenburg; 2004 Künstlerhaus Bethanien, Berlim; 2004 Studio Guenzani, Milão; 2001 Derek Eller, Nova Iorque; 2001 Midway Initiative Gallery, Saint Paul, MN, EUA. Exposições colectivas (selecção): 2025 Coleção Arte Contemporânea - Lisboa Cultura, Lisboa; Orlando Museum of Art; 2024 Kunsthaus Kaufbeuren; Quetzal Art Center; Museu de Arte Contemporânea de Serralves; 2023 Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa; 2022 FRAC Nouvelle-Aquitaine MÉCA, Bordéus; 2022 Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso – MACNA, Chaves, PT; 2021, 2015, 2011 e 2009 Bienal de Desenho, Drawing Room, Londres; 2021 MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa; 2019 Wilhem-Hack-Museum, Ludwigshafen am Rhein; 2017, 2014 e 2013 Centre Pompidou, Paris; 2016 Musée des Beaux-Arts, Rennes; 2013 Palais de Tokyo, Paris; 2012 Centro Gallego de Arte Contemporâneo, Santiago de Compostela; 2008 FRAC Picardie, Amiens; 2008 Fundação Perna, Ravello; 2008 Kunstverein Bielefeld; 2007 MUDAM – Musée d'Art Moderne Grand-Duc Jean, Luxemburgo; 2006 4.ª Bienal de Arte Contemporânea de Berlim; 2004 26.ª Bienal de Arte de São Paulo, Brasil; 2003 50.ª Bienal de Veneza; 2001 Museu Boijmans Van Beunigen, Roterdão.

Julius Heinemann (1984, Munique) interessa-se pela experiência subjetiva do espaço, do tempo, da cor e da luz. Através de pinturas, desenhos e instalações, o seu trabalho examina o que vemos e como criamos a realidade – individualmente, coletivamente –, questionando os paradigmas físicos, sensoriais e culturais nos quais se baseia a nossa percepção do mundo. Heinemann estudou Fotografia na Universidade Folkwang, em Essen, bem como na HGB Leipzig, e possui um mestrado em Escultura pelo Royal College of Art, em Londres. Recebeu inúmeras bolsas de estudo, nomeadamente do DAAD e da Academia Van Eyck, em Maastricht, e participou em residências artísticas no Brasil, México e Itália. Expôs internacionalmente, entre outros locais, em Londres, Amesterdão, Zurique, Bogotá, Cidade do México e São Paulo.

Navid Nuur (1976, Teerão), vive e trabalha em Haia. Educação: 1999–2001 Homeschool vor de Gunsten (HKU), Utrecht; 2002–2003 Piet Zwar Institute, Roterdão; 2002–2004 Mestrado pela Universidade de Plymouth. Prémios (seleção): 2010 Prémio Volkskrant Charlotte Kohlerprijs, 2011 Prémio Real de Pintura em Amesterdão, 2013 Prémio Discovery Art Basel Hong Kong (em conjunto com Adrian Ghenie). As suas obras podem ser encontradas em coleções importantes, incluindo o Museu Stedelijk, Amesterdão; Centre Pompidou, Musée National d'Art Moderne, Paris; Neuer Berliner Kunstverein, Berlim; Kunsthalle Zürich, Zurique; etc.

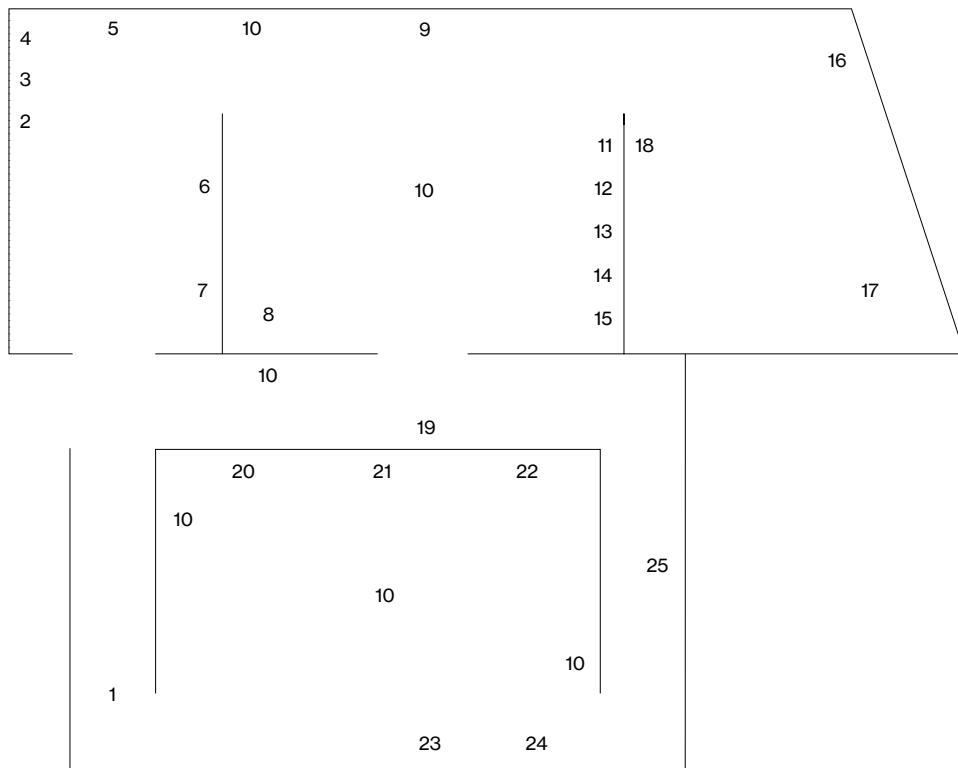
Exposições individuais (seleção): 2025 soda, Quioto, Japão; 2024 Oude Kerk, Amesterdão, Países Baixos; 2023 soda, Quioto, Japão; 2023 Jahn und Jahn, Lisboa, Portugal; 2023 Parliament Gallery, Paris, França; 2022 Galerie Max Hetzler, Berlim, Alemanha; 2021 Galeria Plan B, Berlim, Alemanha; 2021 Galerie Max Hetzler, Londres, Reino Unido; 2020 Kunstmuseum Den Haag, Haia, Países Baixos; 2020 Museum Marta Herford for Arte, Arquitetura e Design, Herford, Alemanha; 2020 Jahn und Jahn, Munique, Alemanha; 2019 NDSM-WERF, Amesterdão, Países Baixos; 2019 Galerie Max Hetzler, Paris, França; 2019 Gallery Sofe Van de Velde, Antuérpia, Bélgica; 2018 Plan B, Berlim, Alemanha; 2017 Be-Part, Platform voor Actuele Kunst, Waregem, Bélgica; 2017 Martin van Zomeren Gallery, Amesterdão, Países Baixos; 2017 Galerie Max Hetzler, Berlim, Alemanha; 2016 Galerie Martin van Zomeren, Amesterdão, Países Baixos, etc.

Raphaela Melsohn (São Paulo, 1993) constrói trabalhos que implicam a presença de nossos corpos, provocando alternativas de como habitar o espaço por meio da colaboração e contaminação. A materialidade, relação entre pessoas, e como os lugares informam nossa existência são a premissa de seu trabalho. Rachaduras, fluxos, buracos, formas orgânicas e pegadas são usadas para reconfigurar normas sociais e espaciais.

Mestre em Artes Visuais pela Columbia University (2022) e Bacharel em Artes Visuais pela FAAP (2016). Lecionou “Printmaking on, through, and below the matrix” na Columbia University (2022). Entre suas exposições destacam-se as individuais “Cortando linha se faz espaço” na galeria LABOR (2024), “uma casa feita de chão” na Marli Matsumoto (2023), “vestir armadilha” na casamata (2016), e “investigações em VIDEO: registro, deslocamento do olhar e FORMAS DE PENSAR” Paço das Artes no MIS (2016). Dentre outras exposições destacam-se o Duo “nada acontece duas vezes” com Pedro França (Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 2025), “Donde tejen las arañas” (Proyectos Multipropósito, 2025), “After Eden” (RGR, 2024), “Antes e Agora, Longe e Aqui Dentro” (Museu Oscar Niemeyer, 2024), “Por muito tempo acreditei ter sonhado que era livre” Arte Atual (Instituto Tomie Ohtake, 2022), “Columbia MFA Thesis” (Wallach Gallery, 2022), “Biblioteca Floresta” (SESC Belenzinho, 2021) e “Eco Shifters” (Fondazione La Fabbrica del Cioccolato, 2019). Foi artista residente na SURO (MX), Frans Masereel Centrum (BE), AZ West (US), YBYTU (BR), Pivô (BR), AnnexB (US) e Red Gate Residency (CH). Em 2022, foi comissionada para fazer um trabalho público em relação a Subterranean Project de Helio Oiticica no Socrates Sculpture Park em Nova York.

Sara Bichão (1986, Lisboa) estabelece uma ligação com canais emocionais: curar, purgar, perpetuar, brincar. As suas obras são de natureza escultórica e apresentam uma atmosfera cromática própria que, por vezes, é ativada pela artista através de ações performativas. Os materiais utilizados são frequentemente recolhidos / oferecidos / roubados, ou provêm de outros recursos reciclados e orgânicos. Mais recentemente, Bichão tem vindo também a explorar a escrita experimental. Sara Bichão encontra-se atualmente a desenvolver uma colaboração de longa duração com a La S Grand Atelier – Art Brut et Contemporain, na Bélgica.

Foi artista residente na Residency Unlimited (Nova Iorque, EUA) e na Finisterrae (Ouessant, França) em 2022, tendo participado noutras residências ao longo dos últimos anos, incluindo: Porta 33 (2020, Madeira, Portugal); Cité Internationale des Arts (2019, Paris, França); Artistes en Résidence (2017, Clermont-Ferrand, França). Recebeu bolsas do Instituto Francês (2019, 2022), da Fundação Calouste Gulbenkian (2014) e da Fundação Luso-Americana (2022).



1 Catarina Dias, *T-shirt Ghost Currency*, 2026
t-shirt
dimensões variáveis

2 Raphaela Melsohn, *Changeable architecture - plaster soil*, 2022
pastel de óleo, lápis sobre gesso e juta, moldura metálica
23×23×5 cm

3 Raphaela Melsohn, *Structure 2 - two separate arches*, 2022
pastel de óleo, lápis sobre gesso e juta, moldura metálica
20×20×5 cm

4 Raphaela Melsohn, *Puddle, slowly sinking the ground*, 2023
arama, pastel de óleo, lápis sobre gesso e juta, madeira, moldura metálica
24.5×21×5 cm

5 Navid Nuur, *Untitled*, 2023
cerâmica, vela
23 cm, Ø 15 cm

6 Jorge Queiroz, *footnotes*, 2019
acrílico sobre tela
120×80 cm

7 Jorge Queiroz, *footnotes*, 2019
acrílico sobre tela
120×80 cm

8 Julius Heinemann, *Untitled*, 2023
aguarela sobre papel
27×36 cm, moldura 34×43 cm (cada)

9 António Júlio Duarte, *The Drop, Shanghai*, 2023
impressão a jato de tinta montada em alumínio
100×100 cm
Ed. 3 + 2 AP

10 Raphaela Melsohn, *REPEAT REPEAT REPEAT*, 2025
cerâmica
70 cm, Ø 20 cm (cada)

11 Sara Bichão, *Sem título (amuleto)*, 2023
pedra, cerâmica, terra, tecido, plástico, arame
14×10×7 cm

12 Sara Bichão, *Sem título*, 2023
cerâmica, colher de alumínio
7.5×10×4.5 cm

13 Sara Bichão, *Sem título (amuleto)*, 2023
cerâmica, tecido, fio, plástico, aço inoxidável, amêndoas
25×6×4.5 cm

14 Sara Bichão, *Sem título (amuleto)*, 2023
terra, penas, casca de noz
12×8×5 cm

15 Sara Bichão, *Sem título (amuleto)*, 2023
cerâmica, terra, tecido, ferro, arame, plástico, fio, aço inoxidável
27×15×14 cm

16 António Júlio Duarte, *Remendo, Lisboa*, 2019-2023
impressão a jato de tinta montada em alumínio
60×40 cm
Ed. 3 + 2 AP

17 Sara Bichão, *Adormeci II*, 2024
tecido, gravilha, tinta acrílica, tinta, pastel de óleo, grafite, vinil
185×220×3 cm

18 Navid Nuur, *Hope I*, 2012-2023
serpentinite, folha de ouro
12×8×3.2 cm

19 Carlos Noronha Feio, *(a drop in the universe has universes of its own)*, 2019
texto em aço inoxidável dourado, pairando a 1 cm da parede
210×81×1 cm
Ed. 3 + 2 AP

20 Catarina Dias, *Algorithmic_silence*, 2026
gouache, caneta bic, impressão com pigmentos minerais sobre papel
157×110 cm

21 Catarina Dias, *WHAT'S WHAT*, 2026
pastel de óleo, grafite, impressão com pigmentos minerais sobre papel
157×110 cm

22 Catarina Dias, *GLASS PANELS*, 2026
gouache, impressão com pigmentos minerais sobre papel
157×110 cm

23 António Júlio Duarte, *Drum, Dallas, Texas, USA*, 2009
impressão a jato de tinta montada em alumínio
80×80 cm
Ed. 3 + 2 AP

24 Navid Nuur, *Mono no aware ness*, 2010-2023
técnica mista sobre painel de aço inoxidável
22×16×2.3 cm

25 Jorge Queiroz, *Nó #3*, 2024
tinta grafite sobre papel, Fimo com tinta metálica, pastel de óleo e caneta de tinta acrílica
30×21.5×3 cm (desenho), 16.5×12×2.5 cm (objeto)

* Carlos Noronha Feio, *(crescei flores!)*, 2018
texto em aço inoxidável dourado, pairando a 1 cm da parede
16×130×1 cm
Ed. 3 + 2 AP